

Ciclo Permanente de Conferências
Literatura, Humanismo & Cosmopolitismo
Conferência de Primavera

«Ser estrangeiro em [quase] toda a parte. Os operadores “inóspito-hospitaleiro”: As origens “estrangeiras” do cosmopolitismo antigo (Plutarco, Epicteto, Cícero) e contemporâneo (Novalis, Heidegger)

António de Castro Caeiro

(Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa)

Resumo: O indivíduo isolado a pensar-se a si emancipa-se na modernidade dos sentimentos que o ligam ao que quer que seja e a quem quer que seja. Pertença de mundo reduzido à sua extensão homogénea, sem matéria e desprovido de corpo, a «cogitatio» obtém uma perceção clara e distinta da sua existência na dependência do seu pensamento aqui e agora. Mas que universo total é este que o indivíduo isolado dos outros e do seu mundo? A modernidade faz girar o universo à volta do humano que encontrou na racionalidade extrema a sua essência. Mas perdeu noções elementares que se fundam sem sentimentos de pertença à terra, à naturalidade, à nação e à pátria. Enquanto humanos fazemos a experiência da saudade de sítios e de pessoas, porque há uma abertura ancestral à vida, aos outros e ao mundo quando havia o tempo inaugural, a primeira vez de todas as primeiras vezes que configuram a nossa existência. Talvez a saudade de estar em casa seja uma pulsão que nos faz não recuar no tempo, mas avançar em direção a um futuro. Toda a gente poderá deslocar-se aos sítios da sua infância e juventude, mas esse tempo não regressa mais, não é repetido, porque cada instante passa e não regressa. É assim que o tempo passa de um modo inexorável. O homem moderno já não se divide mais, já não comunga nada com ninguém, habita um mundo formal, homogéneo, total. Conseguimos nós morar nesse mundo sem ninguém só conosco? Os antigos procuraram domiciliar a sua existência no ser com outro. Ninguém é um cidadão sem cidade e muito menos sozinho. Mas a concidadania, a conaturalidade, a coexistência é já fundacional. Sócrates era cidadão do mundo, do cosmos, do

universo e com isso não queria dizer que partilhava de um espaço que não se limitava a Atenas, mas antes que era coexistente de todos os seres humanos seus contemporâneos, tinha como antepassados o primeiro humano e toda a sua descendência e era assim que via o seu futuro. Cada um de nós existe no ser que tudo é, com todas as gerações de gerações de pessoas havidas e a haver. Essa saudade de estar em casa em todo o lado volta a rebentar no coração de Novalis. Há em cada ser humano a pulsão filosófica de estar em casa em todo o lado, nunca na solidão de si, mas na presença daqueles que comigo formam o olhar com que eu posso ver o mundo, os outros e também eu próprio.

Nota curricular: ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO (Lisboa, 1966) é professor na FCSH/UNL, membro do IFILNOVA, ensaísta e tradutor. Obteve o grau de doutor em Filosofia Antiga com a tese «A *Areté* como possibilidade extrema do Humano, fenomenologia da práxis em Platão e Aristóteles» (1998), pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Ensina na FCSH desde 1990, dedicando-se à Filosofia Antiga e à Filosofia Contemporânea. Foi Visiting Scholar na FD de Ribeirão Preto da USP, USF (Florida) e Oriel College (Oxford). Traduziu do grego as *Odes Para os Vencedores* (Quetzal, 2010) e as *Odes Olímpicas* (Abysmo, 2017) de Píndaro. De Aristóteles, traduziu ainda *Os Fragmentos dos Diálogos* e *Obras Exortativas* (INCM, 2014), *As Constituições Perdidas de Aristóteles* (Abysmo, 2019), tendo publicado ainda os ensaios «São Paulo: apocalipse e conversão» (Aletheia, 2014) e um «Um Dia Não São Dias» (Abysmo, 2017). Recentemente, saiu «Reflexions on Everyday Life» (Cambridge Scholars Publishing, 2019).